

OS FOLGUEDOS POPULARES EM DOIS TEXTOS DRAMATÚRGICOS: DIÁLOGOS E POSSIBILIDADES

Monalisa Barboza Santos Colaço ¹

RESUMO

Trata-se da leitura de duas peças teatrais que dialogam, sob o ponto de vista de da construção de uma memória cultural, através da inserção de personagens que fazem parte do imaginário das brincadeiras populares: a saber o reisado e o bumba-meu-boi. Em *Baile do menino Deus* (2016), de Ronaldo Correia de Brito e Assis Lima, somos levados a um auto de Natal em que um grupo de brincantes estão à procura da casa onde estaria abrigado Jesus, objetivando celebrar o seu nascimento. Nessa mesma esteira, em *Folguedos Natalinos* (2004), da dramaturga Lourdes Ramalho, somos apresentados aos personagens que fazem parte do imaginário do bumba-meu-boi que buscam celebrar, através da dança, a chegada do menino. Assim, através desse recorte temático, busca-se analisar as aproximações e diálogos de um mundo às avessas presentes nos folguedos populares que são incorporadas nessas duas peças teatrais pela inserção de personagens como o Boi, o Mateus, a Catirina, a Burrinha, entre outros, de modo que se reconheça a valorização da herança cultural que pode ser recuperada por uma possível leitura-interpretação dos textos dramatúrgicos no contexto escolar. Sendo assim, busca-se compreender de que modo o texto dramatúrgico, transitando entre os espaços de leitura e representação, pode contribuir para a relação das áreas da literatura e do teatro. Evidencia-se, pois, que a interação para a soma do conhecimento e fruição estética de obras literárias para jovens e crianças encontra na sala de aula um espaço de diálogo incentivado pela leitura encenada.

Palavras-chave: Cultura popular, Dramaturgia Infanto-juvenil, Lourdes Ramalho, Ronaldo Correia de Brito, Assis Lima.

1 PALAVRAS INICIAIS

A motivação para a escrita desse trabalho parte da inquietação após a leitura do livro “Teatro infantil e Cultura popular” (2005), organizado pela professora e pesquisadora Ana Cristina Marinho Lúcio. As reflexões reunidas ali apontam para uma urgência em se considerar dois elementos ausentes na sala de aula: a cultura popular e o teatro. Tal processo, nessa perspectiva, ocorre por uma via diferente da que normalmente se privilegia a cultura popular, isto é, por um viés folclorista ou museológico, de modo que não há uma processo de transposição, aproximação ou apresentação de elementos que são importantes para uma dada comunidade.

Sendo assim, conforme aponta Hélder Pinheiro (2005), no prefácio da edição, por meio da brincadeira, há uma possibilidade de alunos e professores terem acesso a uma parte

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, atua como Professora Substituta no curso de Licenciatura em Letras, no Campus I (UEPB), ministrando disciplinas na área de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira e Portuguesa monalisa.barboza@gmail.com;

significativa da cultura popular que não tiveram contato anteriormente. Vejo, portanto, essa oportunidade como um modo de fazer circular uma leitura sobre esses dois textos dramáticos que consideram os elementos da cultura popular em consonância à tradição do auto natalino.

Por meio desse recorte temático, selecionei dois textos que partem da tradição popular dos folguedos, sendo eles: *Baile do Menino Deus* (2016), de Ronaldo Correia de Brito e Assis Lima; e *Folguedos Natalinos* (2004), da dramaturga Lourdes Ramalho. Sendo assim, busco responder o seguinte questionamento: de que modo cada um desses textos, a sua maneira, empreendem uma trajetória de transposição ou de inversão, de um mundo as avessas, partindo dessa ideia de mistura tão caro à cultura popular? Além disso, considero o contexto escolar como um ambiente fértil para apresentação desses textos para o público infantojuvenil. A discussão, a partir de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, está fundada na relação entre teatro e o público infantil, apresentando uma leitura-interpretação sobre os dois textos dramáticos selecionados como objeto.

2 O AUTO NATALINO E A CULTURA POPULAR

A dramaturgia e o teatro para crianças, historicamente, são definidos por uma série de mudanças que passa por uma intenção moralizante e, em seguida, sendo marcado por uma forte ligação ao âmbito comercial, visto que as crianças se tornam, pois, consumidores em potencial dessas produções. Obviamente, os aspectos aqui levados em consideração estão no âmbito do extraescolar, ou seja, nesse sentido, consideramos que o texto dramático escrito para ser encenado em um palco não impede que ele possa ser lido fora dele.

A partir dessa motivação, selecionei o texto *Folguedos natalinos* da dramaturga Lourdes Ramalho que foi, junto com mais 13 peças, reunido no livro “Teatro infantil: coletânea de textos infanto-juvenis”. Nesse livro, as peças são escritas em verso e a dramaturga baseia-se na literatura popular, retomando alguns contos tradicionais, provérbios e danças dramáticas, utilizando, portanto, de um elemento tão caro para esse campo de pesquisa da cultura popular: a mistura e o hibridismo. Nesse sentido, Lourdes realiza “[...] uma mistura de versos e ritmos, todos envoltos num clima de magia, brincadeira e festa, próprio da cultura popular e do teatro infantil” (LÚCIO, 2005, p. 21). Além disso, nessa coletânea, as “[...] as 14 peças escritas em verso que abordam temas os mais variados, desde os autos populares de Natal, passando pelas histórias e proezas de João Grilo, até recriações de contos populares tradicionais que circulam no universo da oralidade” (LÚCIO, 2005, p. 24).

No prefácio, a dramaturga afirma que “o livro resgata algumas histórias, em dramaturgia, como uma contribuição às plateias infanto-juvenis nordestinas, cujo encanto pelo maravilhoso é o mesmo, de todo jovem na idade do sonho, seja aqui ou alhures” (RAMALHO, 2004, p. 5). É possível perceber o olhar voltado a essa tradição do Nordeste, cuja motivação é perceptível também no texto de Ronaldo Correia de Brito e Assis Lima, de modo que *Baile do Menino Deus* (2016) faz parte de uma trilogia das festas brasileiras, ao lado de *Arlequim de Carnaval* (2011) e *Bandeira de São João* (2012).

Os autores desse segundo texto apresentam a peça mencionando que o espetáculo considerado um clássico do teatro infantil nordestino, com a encenação de grupos populares em palcos profissionais por vinte anos, obtendo uma resposta positiva do público, acrescentando, nas informações da contracapa, que:

a peça é inspirada nos autos populares de reisado e conta a história de um grupo de brincantes que prepara uma festa de Natal. Você vai adorar esta peça e quem sabe encená-la também em sua escola – vai ser uma ótima maneira de criar um baile para festejar o Natal, muito diferente daquele que vemos nas lojas, na internet e na televisão (BRITO, 2016).

Ruth Rocha, responsável pelo prefácio da edição publicada pela editora Companhia das Letrinhas, afirma que os autores do texto são motivados “mostrar às crianças brasileiras que existe um outro Natal, muito diferente daquele que elas costumam ver nas lojas e shoppings”. Ronaldo e Assis Lima, portanto, utilizam-se do mote: “A cultura popular é nosso esteio e nosso chão” e criam uma história sobre uma “festa que vai acontecer, tendo os brincantes como personagens que seguem de casa em casa e um palhaço, Mateus, conduzindo a narrativa” (BRITO, 2016, p. 6). Os personagens desse texto são o Mateus, Meninos, José, Maria, Rei Negro, Rei Branco, Rei Índio, Burrinha, Jaraguá, Boi, Ciganas e Pastoras. E o cenário onde tudo se passa é numa antiga rua do Recife, caracterizado ainda como vilas e cidade do interior. As ilustrações desse livro são um espetáculo a parte e foram assinadas pelo ilustrador Flávio Fargas.

Na cena 01, as crianças e o palhaço estão brincando ao procurar a casa onde nasceria uma criança e, para isso, utilizam-se de uma espécie de caça com o intuito de encontrar uma prenda. As cenas seguintes são marcadas pelas cantigas de roda e músicas até que uma estrela, na cena 02, irrompe a cena e os fazem despertar para a busca da casa onde nasceria o menino Deus, mas essa procura está sempre marcada pelas brincadeiras e as cantigas de roda. Os personagens dialogam a esta altura na cena 04, sempre conduzidos pelo Mateus que diz:

MATEUS – Vamos buscar o menino!

(Os meninos começam a correr.)

MATEUS – Romaninha, romaninha
ninguém saia do terreiro.
Quem viu a estrela passar?
Quem sabe seu paradeiro?

MENINO 1 – Eu não vi, ouvi falar que correu o céu inteiro.
MENINO 2 – Três reis andam atrás dela, cada qual o mais ligeiro.
MENINO 3 – Onde a estrela piscar será nosso paradeiro.
MENINO 4 – Eu vou correndo na frente, pra ver se chego primeiro (BRITO, 2016, p. 22).

Depois da procura, finalmente, por meio do sinal da estrela, as crianças encontram a casa, porém surge um novo obstáculo: ela está com as portas e as janelas fechadas. Os meninos e o Mateus precisam, portanto, encontrar uma maneira de abri-la, uma vez que o intuito deles é realizar uma celebração em homenagem e comemoração ao nascimento do menino. Na cena 07, depois de várias rezas e tentativas frustradas, os meninos apelam para a Burrinha Zabelin, outra figura importante do Reisado, para dançar diante da porta fechada e com seus poderes mágicos conseguir dar passagem, fato que não acontece. Em seguida, na cena 09, os brincantes apelam para uma última oração, alcançando, finalmente, êxito, a partir das palavras recitadas pelo Menino 02:

Zabelê correu no ato,
escorregou na capoeira.
Por três caroços de milho,
arapuca pegou ela.
Laço de crina no galho,
brinquedo de traição,
faço cruz cuspo no dedo,
desato meu coração.
Desamarro meu nó cego,
meu fojo, meu alçapão,
desato anum e crispim,
solto a sorte do canção.
Abre porta, abre tramela.
Abre céu, zoa trovão.
Valha o rei dos caboclinhos,
abre porta ou se abra o chão (BRITO, 2016, p. 35).

A recitação do menino está repleta de palavras que fazem parte do vocabulário do Nordeste como, por exemplo, referências a pássaros do Sertão: Zabelê, anum, crispim, canção ou ainda a paisagens como capoeira (roçado ou descampado), como também aos Caboclinhos

(grupo folclórico que desfilam no carnaval do Nordeste, vestidos de indígenas, ao som de flautas ou pífanos). Percebe-se, pois, que os autores compartilham tais usos, elaborando-se, inclusive, um glossário para auxiliar no entendimento de palavras desconhecidas. Retornando ao elementos do enredo, após a abertura da porta, dentro da casa encontram-se José, Maria e Jesus e aos poucos os Reis Magos chegam para reverenciar o menino, estes que acabam por representar os povos que a partir da miscigenação deu origem a sociedade brasileira. O Mateus, enquanto porta-voz dos brincantes, solicita a sagrada família a permissão para realização da festa:

Senhores donos da casa,
Jesus, José e Maria,
queremos fazer um baile
que emende a noite no dia,
pois quando nasce um menino
renasce toda alegria.

Por mais humilde que seja,
é a vida que se cria,
é a esperança no mundo
que com ele se anuncia.

Senhores donos da casa,
Jesus, José e Maria,
sem vosso consentimento
o baile não principia (BRITO, 2016, p. 37).

Dada a permissão, todos os personagens passam a celebrar em torno da família, as crianças que agora estão disfarçadas de animaizinhos estão cantando, dançando, até que num passe de mágica tudo desaparece, interrompendo os festejos que possibilitam, nas cenas seguintes, a entrada de novos personagens como o Boi e as Ciganas. De tal modo, através desses elementos fantásticos, a história tradicional do nascimento do menino Deus dá lugar ao protagonismo desses brincantes, cujo objetivo é celebrar a partir de uma perspectiva do mundo as avessas. Nesse sentido, utilizando-se de uma linguagem que se comunica diretamente com seu público-alvo, é perceptível como os elementos da folia de reis são inseridos na peça, cujo costume possui diversas variações em todo Brasil, mas que no Nordeste encontra um território de referência dentro desse ciclo natalino, preserva-se, em alguns pontos, características desse folguedo, a exemplo da condução feita pelo Mateus, os brincantes que cantam e dançam, os pedidos de abrigão de portas, além dos elementos fantásticos como a Burrinha, o Boi e o Jaraguá. O espetáculo encerra-se com uma música cujo título dá nome ao espetáculo:

Venham, estrela, lua e sol
neste sagrado momento
bailar em grande recinto,
louvar belo nascimento,
dançar na roda do dia,
da noite e do firmamento.

Venham, homens e pastoras,
crianças e bichos também.
A função já principia,
Ao baile Deus Menino vem.
Nesta hora de alegria,
brincar é o que nos convém.

Cantar, dançar na folia,
todos vamos, vamos já.
Caboclinhos e cigana,
Boi, Burrinha e Jaraguá.
Vamos dar a meia-volta
volta e meia vamos dar (BRITO, 2016, p. 55).

A canção que finaliza o espetáculo torna-se um convite aos astros, homens, bichos, crianças que são inseridos nesse universo dos brincantes e que transforma o momento em uma grande folia. Então, tanto em *Baile do Menino Deus* quanto em *Folguedos Natalinos*, conforme discutirei agora, há uma mudança de perspectiva em relação ao nascimento do menino Jesus, em que o leitor/espectador é apresentado a um momento posterior e anterior a esse acontecimento, respectivamente.

Na peça teatral de Lourdes Ramalho, a figura de um Mágico funciona como um ponto de partida para a história que se construirá, isso porque, por meio de seus dotes extraordinários, as demais personagens entram em cena pelo uso de sua varinha e cartola. O seu intuito, segundo suas palavras iniciais, é preparar o cenário – o espaço onde ocorreria pouco tempo depois um lugar de celebração e apresentação da Verdade, centrada na chegada do Deus-menino, apresentando-se o personagem diz:

MÁGICO – Sou o mágico, aqui vim – uma mágica fazer
muita coisa neste espaço – eu farei acontecer!
Olhe bem, aqui só existe – uma pobre estrebaria
onde, compondo o cenário – com luz, amor e alegria
transformarei num lugar – onde o mundo vem render
as mais nobres homenagens – e a verdade conhecer!
[...]
Para tal é necessário – que personagens se invente!
para compor o cenário – vou criar bichos, criar gente,
pois Aquele que virá – nascer nessa mangedora

sem distinção amarará – a todas as criaturas!
(RAMALHO, 2004, p. 21).

Após essa introdução, a primeira personagem criada pelo Mágico é a Pastora que, segundo ele, será a organizadora de todas as funções. Ela, por sua vez, assume prontamente esse lugar dizendo: “Uma bela arrumação – neste pátio farei bem,/ limpo o barro, limpo a pedra, - e a mangedora também!// Só preciso que me tragam – palha seca pra forrar / tire um boi de sua vara – para coisas carregar!” (RAMALHO, 2004, p. 21). A primeira exigência da pastora merece destaque, pois essa estrutura se repetirá ao longo de todo o texto, isto é, o personagem criado/inserido na cena, por meio dos poderes do Mágico, solicitará a presença de um outro, construindo uma dinâmica em torno dessas figuras populares. Diante das diversas solicitações, o Mágico sempre apresentará argumentos contrários que o impossibilitariam a realização do feito pois “o boi é grande e pesado”, ou porque a solicitação extrapola de alguma forma seus poderes. Após a sua chegada, o Boi se recusa a ajudar nos preparativos porque está cansado, e impõe uma condição: trabalhará apenas após a chegada do Mateus e Catirina:

BOI – Atendo ao vosso chamado! – Ponho as palhas no caixão,
depois, já que estou cansado – Me deito um pouco no chão.

PASTORA – Ora que boi preguiçoso – querendo já se deitar?
E toda essa faxina – quem é que vai me ajudar?

BOI – Você brigue, mas não arengue – eu posso até trabalhar
Com Mateus e Catirina – se vierem para cá!

MÁGICO – Isso aqui vai ser um presépio – não vai ser Boi-Bumbá!
Com Mateus e Catirina – Vocês só querem dançar!

BOI – Sem Mateus e Catirina, fico surdo, mudo e cego
Fico aqui, daqui não saio – e também não bato um prego!
(RAMALHO, 2004, p. 22).

Por meio dessas exigências, os demais personagens vão entrando aos poucos em cena, cada qual com uma função específica, segue, portanto, a entrada do Mateus, da Catirina, do Carneiro (cuja lã forrará a manjedoura), do Galo (que anunciará o nascimento), da Estrela (que iluminará a escuridão) e, quando, por fim o Mágico compreende que já estão presente todos os elementos imprescindíveis, para a chegada da família de Jerusalém, é interrompido por um dos brincantes:

MATEUS – Alto lá – eu me alembrei – de quem num pode faltar!
É a Ema – Sem a tal – ninguém pode começar!

CATIRINA – É mesmo! Nem me alebrava – Falta a Ema se puxar!
Sem a Ema num hai dança – Num tem graça se brincar!

BOI – Mateu, Catirina e Boi – e Ema pra completar!
Está feita a brincadeira! – Tamos prontos pra dançar!

MÁGICO – Olhem aqui, ô de baixinhos! – Só quero saber quem foi
Que inventou não o presépio, mas sim o bumba-meu-boi!

PASTORA – Traz a Ema – só assim – Eles vão se aquietar!

TODOS – Traz a Ema! Traz a Ema! – O menino vai chegar
A Ema é tão bonitinha – o menino vai gostar!

MÁGICO – Já que não tem outro jeito – a tal Ema eu vou puxar
Se o pescoço comprido – na vara não enganchar!
Um, dois, três, já! (RAMALHO, 2004, p.28)

A personagem da Ema é o último elemento para iniciar os preparativos para a chegada do Menino. Após isso, entram em cena os Reis magos, a família e, finalmente, todos os personagens iniciam uma grande celebração cantando e homenageando o menino, dando fim ao enredo. A perspectiva construída pela dramaturga nessa peça é marcada por uma postura que dessacraliza a narrativa bíblica, uma vez que os personagens contrariam o que se imagina ser uma “santa audiência” (Cf. MARINHO, 2005). Tais personagens fazem referência aos folguedos e danças populares a exemplo as festas dos bois, cavalos marinhos e outras festas brasileiras, invertendo-se papéis e possibilitando o conhecimento de um mundo às avessas, conforme identificou Bakhtin ao analisar a cultura popular na Idade Média e Renascimento. Aqui, além dessas figuras populares, os animais atuam diretamente nas histórias, reinventando-se algumas referências e a história do nascimento é recontada/recriada através de outros protagonistas, misturando-se elementos da narrativa popular, do fantástico, dos contos de fadas, isto é, características recorrentes na Literatura Infantil.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa reflexão foi possível, a partir da leitura dessas duas peças, conhecer e reconhecer de que modo os elementos da cultura popular são protagonistas dos acontecimentos que envolveram uma história tradicional, mas que é vista por uma ótica

diferenciada e, nesse caso, por meio do texto dramático esse diálogo se estabelece. Há, portanto, uma valorização das marcas da cultura popular, seja por meio dos personagens que protagonizaram as histórias, seja através da linguagem acionada em ambas as peças. Diante disso, por meio do trabalho com o texto dramático em sala de aula, há uma possibilidade de trabalho que contribui para uma prática educativa, resultada do incentivo à leitura. Evidencia-se, portanto, que a interação para a soma do conhecimento e fruição estética de obras literárias para jovens e crianças encontra na sala de aula um espaço de diálogo que pode possibilitar a abertura de novos caminhos em que o texto dramático e as narrativas da cultura popular se fazem presente enquanto uma memória cultural.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2010).

BRITO, R. C.; LIMA, A. **Baile do menino Deus: peça teatral**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

LÚCIO, A. C. M. **Teatro infantil e cultura popular**. Campina Grande: Bagagem, 2005.

NASCIMENTO, M. E. A. **Leitura encenada e circuito literário: práticas para a formação leitora e para a valorização da memória cultural em uma escola do campo em Alagoa Grande – PB**. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2021.

RAMALHO, M. L. N. Folgedos natalinos. In: **Teatro infantil, coletânea de textos infanto-juvenis**. Campina Grande: RG Editora e gráfica, 2004.